

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

Children's drawings: perception and representation of the riverside environment

Mateus de Souza Duarte

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Pelotas-RS

José Camilo Ramos de Souza

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Parintins-AM

Resumo

Após o paradigma cartesiano, novas dimensões de compreensão dos fenômenos humanos surgiram nas fronteiras do conhecimento das diversas dimensões existenciais: a busca pela percepção dos desenhos infantis se configura em uma delas. Os desenhos possibilitam conhecer o que as crianças pensam e sentem relatados em rabiscos e traços em uma folha de papel. Este artigo é resultado de um dos capítulos de uma pesquisa do Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia. O objetivo principal deste trabalho é compreender, a partir dos desenhos, a percepção e a representação de experiências cotidianas percebidas no lugar de vida das crianças. O manuscrito é qualitativo e fenomenológico. Reforçamos nossa análise focada nos desenhos infantis de crianças que frequentavam uma turma multisseriada em Parintins-AM. O texto deriva de observações feitas durante um período de 4 meses em uma comunidade ribeirinha. Acreditamos que repensar as ações das crianças dentro de um sistema de ações e experiências maximizaria a compreensão das experiências, representações e percepção do ambiente.

Palavras-chave: Percepção; Diário; escola ribeirinha; Desenhos infantis.

Abstract

After the Cartesian paradigm, new dimensions of understanding of human phenomena emerged on the frontiers of knowledge of the various existential dimensions: the search for the perception of children's drawings is configured in one of them. The drawings make it possible to know what children think and feel reported in scribbles and traces on a sheet of paper. This article is the result of one of the chapters of a research of the Master in Science Education in the Amazon. The main objective of this work is to understand, from the drawings, the perception and representation of everyday experiences perceived in the children's place of life. The manuscript is qualitative and phenomenological. We reinforce our analysis focused on children's drawings of children who attended a multigrade class in Parintins-AM. The text derives from observations made during a period of 4 months in a riverside community. We believe that rethinking children's actions within a system of actions and experiences would maximize understanding of experiences, representations and perception of the environment.

Keywords: Perception; Daily; Riverside school; Children's drawings.

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

Introdução

Estudos que buscam compreender as dimensões das experiências do sujeito dentro de seu lugar de vida não são novos, porém todos em seus respectivos universos de análises sinalizam que é basilar considerarmos nesse processo o que o próprio sujeito pensa sobre si. Sendo essa uma pesquisa fenomenológica, é elementar caminharmos junto a esse entendimento.

O trabalho objetiva compreender, a partir dos desenhos, a percepção e representação das experiências do cotidiano percebidas no lugar de vida das crianças. O manuscrito é qualitativo e fenomenológico. Reforçamos nossa análise focada nos desenhos infantis de crianças que frequentavam uma turma multisseriada em Parintins-AM. O texto deriva de observações feitas durante um período de 4 meses em uma comunidade ribeirinha. Acreditamos que repensar as ações das crianças dentro de um sistema de ações e experiências maximizaria a compreensão das experiências, representações e percepção do meio.

O manuscrito se respalda na pesquisa qualitativa, de maneira fenomenológica, bibliográfica, utilizando os desenhos infantis para compreender como as crianças percebem os fenômenos que as cercam no cotidiano.

A criança e infância em uma sociedade dominada pela cultura adulta

Falar sobre criança e infância, em uma sociedade dominada pela cultura adulta, é elementar. A ideia de tábua rasa, folha em branca e de adulto em miniatura são obsoletas na contemporaneidade. Porém, não somos ingênuos de não mencionarmos que ainda há entre as famílias brasileiras, sobretudo nas mais carentes, resquícios dessa maneira de entender a criança e de conduzir sua criação.

Sendo a infância uma construção social (PINTO, 1997), isso nos remete a pensarmos que ela quando nasce, a criança, já é lançada em um mundo que vem antes dela: o mundo adulto. É Sarmiento (2005, p. 361) que nos fala que “a infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social”.

Assim, nessa busca de entender o comportamento da criança, para além das teorias comportamentalistas e cognitivistas, houve a necessidade de se olhar por outra ótica, uma

sociologia da infância (SARMENTO, 2005), que projeta essa caminhada dentro de um olhar sociológico.

Nas Culturas infantis a ludicidade e as memórias das crianças são basilares para que possamos compreender suas interpretações de mundo. Então, o desenho infantil se mostrou estratégico, pois une memória, ludicidade e cognição.

Nosso trabalho não tem por interesse discutir, de maneira aprofundada, os conceitos de cultura. Não é nosso foco. Aqui pretendemos apresentar os desenhos infantis como percepção e representação do ambiente onde vivem as crianças que é uma comunidade nas proximidades de Parintins/AM.

Ariès (1981) quando fala sobre a história da criança, não se omite em dizer sobre o despertar da consciência sobre a criança e seu protagonismo em meio aos adultos, nos meados do século XIII. De maneira linear, nos séculos seguintes, por meio das pinturas e quadros, nos séculos XIV, XVI e XVII acontece uma acintosa percepção da criança no meio familiar, que foge à ideia do pareamento com um animal doméstico.

Assim, a história nos conta que não havia uma preocupação com a criança e seu desenvolvimento, uma vez que sua existência era inócua, sem perigo ou propósito. Com o avanço dos estudos, não por acaso citamos uma Sociologia da Infância (SARMENTO, 2005), houve uma necessidade de não apenas oportunizar um protagonismo por parte das crianças, mas de criar técnicas que propiciasse isso.

Aqui, acentuamos os desenhos infantis para refletirmos sobre a percepção e representação do ambiente, em uma escola de Parintins. Em Corsano (2011, p. 94-95) fala-se sobre a cultura de pares que as crianças promovem:

as crianças não se desenvolvem simplesmente como indivíduos, elas produzem coletivamente culturas de pares e contribuem para a reprodução de uma sociedade ou cultura mais ampla [...]. É particularmente importante a ideia de que as crianças contribuem com duas culturas (a das crianças e a dos adultos) simultaneamente.

Hoje já sabemos que no coletivo infantil acontece uma produção de cultura, pois o paradigma que flerta com as atitudes adultas e, em muitos casos autoritárias, sobre as infâncias, vem a cada dia sendo transpassadas.

Ouvir as vozes das crianças é imperativo no processo de compreensão das culturas infantis (SARMENTO, 2005). Nesse entendimento, os desenhos que utilizamos nessa pesquisa e, que foram produzidos por 14 alunos e escolhidos de maneira aleatória, todos os

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

seus autores foram perguntados sobre o significado de cada produção. Isso mostra que o protagonismo das crianças fora considerado no percurso e, desse modo, nos desvencilhamos da pragmática interpretação adulta dos artefatos infantis sem consultá-las.

Acreditamos que a ludicidade para a produção dos desenhos foi basilar. Esse entendimento é corroborado por Marchi e Sarmiento (2017) quando traçam uma discussão sistemática sobre direito e normativas da infância. Uma ideia que não é nova, porém eficaz quando usada com planejamento é o “brincar” da criança para que as mesmas expressem suas perspectivas de mundo. Aqui, o desenho foi a técnica que mais se mostrou valorosa aos nossos objetivos.

Nessa ótica, sair das lentes dos adultos e nos voltarmos para as lentes das crianças, quando o assunto é “pesquisa com criança” é salutar. Pinto (1997) quando fala sobre a infância como construção de uma sociedade logra êxito ao dizer que existe um sentimento de inexistência das culturas infantis por parte do adulto que pensa ser o detentor das rédeas do desenvolvimento de suas crianças. Hoje, há a compreensão de cultura, de saber, de sistematização do brincar, no desenhar e nas ações infantis, não importa o lugar, por exemplo, uma escola de comunidade em Parintins-AM.

Ensaio sobre o desenho infantil como expressão da criança

Trabalhos que se debruçam em estudar e analisar as percepções de crianças a partir de desenhos não são novos. Todavia, a visibilidade maior sobre a criança e sobre o que a mesma produz, se acentuou quando a ideia de adulto em miniatura foi dissolvida. Estudos com desenhos infantis datam, segundo Meredieu (2004), no fim do século 19, onde eram introduzidos às pesquisas da área da psicanálise. Ainda, apenas o grafismo infantil, reflexo da inabilidade motora, era considerado dentro dessas pesquisas.

Por muito tempo acreditava-se que a criança desenhava apenas para se divertir; uma maneira lúdica de se distrair e brincar frente a uma folha de papel. Todavia, os tempos mudaram, a história e os discursos mudaram e se adaptaram na medida em que a sociedade evoluía, dando lugar a novas perspectivas de vida, novas culturas sociais, novos paradigmas, novas maneiras de pensar o mundo, a saber, os desenhos infantis (MARQUES, 2006).

A criança habita e se desenvolve dentro do contexto adulto, que por ele, é influenciada, diz Meredieu (2004), como também pelo meio onde estar:

As imagens em certa medida são uma forma de *ilustração* dos mais diversos fenómenos, podendo depender, ou não, da observação directa, ou obtidas a partir do uso de artifícios perceptivos. É sobre esta plataforma que se manifesta uma

grande parte da informação (visual) do mundo e suporte do saber (MARQUES, 2006, p. 11).

As imagens são os fenômenos materializados no papel a partir do desenho, ao passo que essas representações são forjadas considerando o meio onde a criança estar, uma vez que:

Qualquer imagem é sempre um modo de "traduzir" aspectos da realidade, que de outra forma não são "visíveis". A imagem permite "ver" mesmo para além de todos os dados que participam na construção da representação (MARQUES, 2006, p. 12).

A criança de uma escola ribeirinha vive em uma pluralidade de fenômenos cujas experiências são adicionadas à sua praticidade laboral, quando auxilia seus pais nas atividades cotidianas ou via oral, quando lhes são contadas as experiências que os mais velhos já viveram.

O mundo vivido é onde a criança experimenta os fenômenos a partir do corpo segundo Merleau Ponty (1999) e através do mesmo ela também é no mundo. Na ótica de Marques (2006) essa percepção dos fenômenos pode ser traduzida no desenho, porém não sendo uma representação cabal dessa realidade, mas apenas uma ilustração do que a visão pode perceber.

Não podemos confundir desenhos com imagens, contudo não há como negarmos que em dado momento da história os dois significaram sinônimos:

As imagens do desenho traduzem na sua plenitude a forma como são pensadas as imagens, quer no plano perceptivo quer no plano conceptual. A forma como pensamos o desenho tem igualmente que ver com a sua função e comunicação dentro de um universo de referência composto igualmente por desenhos, por outros desenhos (MARQUES, 2006, p. 13).

Os desenhos, por assim dizer, são a representação daquilo que se ver e experimenta dentro do meio. Para Merleau Ponty (1999) essa experimentação advém do corpo, pois pelo corpo somos no mundo, ou seja, através do corpo nós existimos. Na perspectiva de Dutra (2017, p. 39):

são os sentidos que introjetam o externo à consciência, possuindo um inter-relação dinâmica de não somente ver, sentir e perceber, mas de ação integrada com o tempo, as crenças e a produção de espaços.

A visão, paladar, olfato, audição e tato nos permitam participar e interagir com meio. Através do corpo existimos e somos no mundo a partir de nossas experiências subjetivas. Ainda, corroborando conosco Bomfim, Delabrida e Ferreira (2018, p. 61) dizem que “o

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

aparelho sensorial é que nos permite conhecer o mundo e, a partir desse conhecimento, pensar”. Porém, muito mais do que pensar, nos permite uma inter-relação com o meio, nos permitindo existir, voltando às coisas mesmas (MERLEAU PONTY, 1999). Nesse sentido, acreditamos que a partir do desenho da criança possa materializar o que percebem sobre o mundo onde vivem, o que compreendem sobre o meio, etc., uma vez que, rabiscar, segundo Cola (2014) é uma inerência do ser humano.

Desenhar é algo que nasce com o ser humano, uma maneira de expressar o que sente e percebe o mundo. Sendo assim, alguns autores se engajaram em busca de entender como a criança se expressa pelo desenho.

Quadro 1: Sistematização do significado dos desenhos infantis

BERSON (Mèredieu 2006)	LUQUET (1969)	LOWENFELD (1976)	PIAGET (1976)
Estágio Vegetativo Motor	Realismo Fortuito	Rabiscção Desordenada ou Garatuja: Rabiscção Longitudinal; Rabiscção	Garatuja: Desordenada; Ordenada
Estágio Representativo	Realismo Fracassado	Figuração Pré-Esquemática	Pré-Esquematismo
Estágio Comunicativo	Realismo Intelectual	Figuração Esquemática	Esquematismo
	Realismo Visual	Figuração Realista	Realismo
			Pseudo Naturalista

Fonte: Organizado por Bombonato e Farago (2016)

No quadro 1 demonstramos alguns dos teóricos que versam sobre pesquisa com desenhos. Os autores corroboram em suas pesquisas que as crianças, em seu processo de criação, se aperfeiçoam ao entrarem em contato com o mundo onde estão. Marques (2006, p. 23) diz:

Através do desenho, somos levados a 'ver' e a perceber. Ver é, do ponto de vista funcional, ter a capacidade de perceber as formas das coisas e do mundo, através da *imagem (imagens)* que estas produzem na retina e que os nervos ópticos transmitem ao cérebro. O olho apenas permite ver, revelar através da luz, características daquilo que está diante dos nossos olhos, aquilo que chamamos de realidade.

Ver e perceber o mundo a criança o faz por meio do corpo e dos sentidos, mas expressá-los, acontece também através do desenho.

Percurso metodológico

Esse trabalho é de natureza qualitativa de modo que Leite (2008, p. 100) menciona que “a pesquisa qualitativa possui o poder de analisar os fenômenos com consideração do contexto [...] o método qualitativo valoriza os valores culturais e a capacidade de reflexão do indivíduo”. As relações entre os pares sociais e os pensamentos dos sujeitos dessa natureza de pesquisa nos permitem de maneira mais fidedigna analisar e compreender.

Assim, acreditamos que se faz necessário essa abordagem, uma vez que buscamos com esse escrito perceber as representações do meio a partir dos desenhos infantis e a fenomenologia em Merleau Ponty (1999) nos ajudou com essa percepção de homem e de mundo.

Nossas considerações nesse artigo se constroem a partir de observações em uma comunidade em Parintins, Amazonas e em desenhos de crianças que viviam nessa comunidade, cuja matrícula escolar era efetiva na escola dessa comunidade. Após o término dessas observações, realizamos o levantamento bibliográfico para sistematizar nosso trabalho.

O saber experimentado no cotidiano

A Amazônia é um território vasto que se estende por vários estados brasileiros e países da América Latina. Parintins, no Estado do Amazonas, é cortado por muitos rios e lagos, entre eles o Rio Amazonas.

Em meio a essa extensão, se formaram cidade, vilas e comunidades ribeirinhas. As comunidades ribeirinhas são para Souza (2013, p. 21):

um lugar de múltiplos fenômenos físicos e sociais, bastantes complexos, que dificultam um estudo na sua totalidade. Para realizar o estudo apresentado nesta tese, foi preciso reduzir o universo em partes, porque em cada parte há uma totalidade.

Diegues et al., (1999, p. 48) afirma que “o ribeirinho é aquele que vivem nas várzeas e beiras de rio, dependendo fundamentalmente da pesca. Os caboclos/ribeirinhos vivem, principalmente, à beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas”. Em meio a essa organização chamada de comunidade ribeirinha, está a escola, que exerce um papel edificante na vida dos comunitários, principalmente das crianças, uma vez que, é nesse espaço que elas mantem contato com o saber dito científico. Souza (2013) comenta que o ensino da escola ribeirinha, se comparado com a escola cidadina, é rústico, todavia, é por meio desse estudo que os estudantes aprendem a ler e escrever.

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

O acesso, em muitas escolas dessas comunidades, é um tanto trabalhoso, em alguns casos, as escolas são tomadas pelas águas das cheias dos rios, que Souza (2013) diz ser escola da água, por sofrerem com sazonalidade dos rios.

A escola há muito tempo assume um papel social, o de ensinar. A escola de comunidade ribeirinha não se nega ao ensinamento escolar, porém, com algumas particularidades. Lopes (1999, p. 104) comenta que:

o processo de constituição do conhecimento escolar ocorre no embate com os demais saberes sociais, ora afirmando um dado saber, ora negando-o; ora contribuindo para sua construção, ora se configurando como obstáculo a sua elaboração por parte dos alunos.

Muitas escolas ribeirinhas sofrem com a sazonalidade dos rios- cheia e seca-, pois as águas avançam e as invadem. Segundo Souza (2013) essas escolas na várzea são assoalhadas e formadas de palafitas. Dentro dessa realidade, Vasconcellos (2017) afirma que o currículo dessas escolas é diferenciado do citadino, com início das aulas em setembro ou outubro, se regulando de acordo com as águas dos rios.

A escola ribeirinha também enfrenta o paradigma das turmas multisseriadas, onde turmas de anos distintos são unidas em uma só sala, condicionando ao professor o dever de ensiná-las. Vasconcellos (2017, p. 54) aponta que muitas escolas de comunidade ribeirinhas:

apresentam condições precárias tanto físicas quanto pedagógicas; dificuldades no acesso e continuidade nos estudos, provocados pela distância, acesso e descolamento até os lugares, constantes rotatividades dos docentes, falta de professores, etc.

Enlaçar os ensinamentos do cotidiano ribeirinho com o ensinamento escolar segundo Mendes et al., (2008, p. 81) “é tentar estabelecer uma relação desta com a realidade que circunda o aluno, pois este contexto se constitui como um *lócus* de desenvolvimento diferenciado, que pouco se tem conhecimento na literatura”. Corroborando conosco Vasconcellos (2017, p. 54) diz que pensar nesse contexto de educação ribeirinha “é tentar estabelecer uma relação com esta realidade, pois é esse contexto diferenciado que se constitui em *lócus* de desenvolvimento para o aluno. Que muitas vezes é desconhecido”.

Nas comunidades ribeirinhas os alunos convivem com um paradoxo intrigante: de aprender com os pares nas experiências laborais inerentes à comunidade e o de aprender em sala de aula, sendo que um não complementa o outro. Cordovil et al., (2018, p. 393) comenta que “a criança ribeirinha aprende nos espaços de vivências, convivendo com ensinamentos e

experiências que possibilitam construções de conhecimentos sobre o mundo, a cultura, a história”. Em suas pesquisas Souza (2013, p. 50) aponta que:

os ribeirinhos - em sua humilde forma de viver na beira do rio, várzea ou terra firme - estão na invisibilidade do conhecimento formal, mas conduzem dentro de si toda uma estrutura de saber construído no processo histórico da própria vida sociocultural (SOUZA, 2013, p. 50).

É no contado com o mundo vivido ribeirinho que a criança experimenta e aprende e Carvalho (2010, p, 36) diz que “a aprendizagem se dá através do processo de interação entre o homem, a natureza e a sociedade, de forma contínua fora do esquema formal de ensino”. No contato com seus pares, nos contos via oral e as experiências cotidianas é que a aprendizagem ocorre, diz Souza (2013).

É no cotidiano que os saberes são experimentados e se entrelaçam. Para Pidner (2010, p. 64) “o cotidiano é marcado por relações de pertencimento e de identidade”. É no cotidiano que o ribeirinho- de terra firme ou várzea-, na perspectiva de Souza (2013), aprende a desvendar os segredos do lugar onde vive.

Na ótica de Pidner (2010) nos lugares- comunidades ribeirinhas-, que as experiências íntimas com o meio acontecem, tais como relações com os pares, encontros e desencontros, conflitos, acordos, experiências subjetivas e/ou grupal, pois “o cotidiano é a substância para a história coletiva” (PIDNER, 2010, p. 65), haja vista que quando há esse aprendizado íntimo com o lugar onde se estar o “morador da terra firme entra na floresta e dela sabe voltar, como também conhece os vegetais que podem fornecer sustento e água (*cipó d’água*, por exemplo) para saciar a sede”, menciona Souza (2013, p. 50). Nesse contexto, a criança ribeirinha fica à vontade para experimentar:

A criança ribeirinha no seu ato de brincar se relaciona real e imaginariamente com o rio e a floresta, elementos permanentes na sua vida e que são fundamentais para a sua ludicidade. Ao viver essa relação simbólica, a criança cria e recria a sua realidade, brinca e se relaciona com ela, mostrando-nos que faz parte de um mundo, onde o rio e a floresta se constituem em sua rua, seu quintal, seu parque de diversões e seu próprio ser (CARVALHO, 2010, p. 34).

Não é apenas brincando que a criança aprende, mas também no coletivo nas atividades de agricultura com seus familiares, diz Souza (2015). Os saberes que são aprendidos no ato da prática da agricultura- do plantar, do colher-, na prática da caça- o momento certo de sair para a “espera”, as técnicas de camuflagem e de silêncio para não afugentar o animal que se pretende apanhar-, e na prática do pescar- as manobras que se deve fazer para deslizar

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

com cautela no rio não fazendo barulho com o manuseio do remo, na força que se deve imprimir quando lançar a tarrafa, zagaia, e qual o horário mais adequado para se pescar, se pela manhã, durante a tarde ou a noite-. Esses saberes são experimentados no cotidiano, com praticidade de cada um, a partir dos relatos dos mais velhos (SOUZA, 2013).

Para Costa (2015) a vida nas comunidades ribeirinhas segue os ditames das águas, com uma complexidade tamanha, que a diferença morfológica dos rios sugere diferentes maneiras de se viver. É salutar a adequação às dinâmicas implicadas pelos rios. As águas comandam a vida nos beiradões da Amazônia (SOUZA, 2017). Assim, Carvalho (2010) aponta que:

Para a população ribeirinha, o rio não é apenas um elemento da geografia, mas se configura como um lócus de trabalho, de sobrevivência e de lazer. Um espaço em que se inscreve a história daqueles grupos. O sentido das coisas que lá estão, sua dinâmica, está na própria relação do homem com essas coisas. Para o ribeirinho, o rio tem o sentido que este lhe atribui, é o espaço por onde ele se desloca de um lugar a outro, de onde retira seu sustento, onde se diverte nas suas horas de lazer, onde transita e interage com a vizinhança e a natureza. E para a criança ribeirinha o rio é o espaço principal de expressão da sua ludicidade. Nas águas dos rios estão ancoradas suas crenças, pois aprenderam com seus avós e pais o rito de passagem de que não se entra na mata ou na água, sem pedir licença à 'mãe da mata' ou a 'mãe do rio', os encantados que habitam esses lugares (CARVALHO, 2010, p. 35-36).

As águas dos rios são mais que um elemento natural, ela se torna a identidade do ribeirinho. Nesse interim de vivências e experimentações, as crianças costuram um laço direto com o rio, a floresta, o lugar, que para Souza (2013, p. 52):

este *lugar de vida* é a própria comunidade por vivenciar relações socioambientais, culturais, econômicas, onde se aprende observando e experimentando tudo que lhe é ensinado e exigido a aprender. Nesse sentido, a aprendizagem está diretamente relacionada a todas as possibilidades de sobrevivência e vivência dentro de tudo que a várzea, em sua sazonalidade – dinâmica do rio Amazonas – representa.

Os saberes que se entrelaçam no experimento do cotidiano acontecem nessa íntima relação entre homem-natureza-natureza-homem. O ribeirinho experimenta os fenômenos que se apresentam como sujeitos ativos que são agindo em consonância com o lugar onde estão. Portanto, é no meio, em seu mundo vivido que o ribeirinho aprende, ensina, convive e sobrevive. Cordovil et al., (2018, p. 394):

Os estudantes ribeirinhos tem um contato íntimo com a natureza, porque ela faz parte de seu cotidiano diariamente, ao percorrer um caminho por dentro da mata, das plantações dos pais para se chegar a comunidade onde tem acesso à escola, ou ao pegar uma canoa e ir colocar a malhadeira n'água para pegar os peixes que lhes servirão de almoço e janta. As crianças transformam a natureza no seu fazer diário nas atividades que desenvolvem no contexto familiar, assim também exercitam mesmo sem saber os conhecimentos científicos.

Imagem 1: Desenhos infantis

Fonte: Colaboradores da pesquisa (2019)

Os desenhos infantis são a expressão materializada da percepção da criança, ou seja, uma representação concreta do que percebem no mundo. Segundo Marques (2006, p. 23):

Neste sentido a representação concretiza uma espécie de desdobramento do mundo, numa relação de experiência e conhecimento, de invenção e especulação. Estas possibilidades representativas funcionam como um imenso caleidoscópio no qual cada forma se multiplica ao mesmo tempo em que possibilita novas combinações com outras formas.

Na compreensão de Marques (2006) a criança cria para si uma noção de espaço perceptível, cuja função é:

A concepção, (ou a convenção) de um espaço, a duas, três ou quatro dimensões pressupõe, pelo menos no plano teórico, que o observador, ou um observador que a realize. Isto significa que num e noutro caso, o observador veja o espaço organizado, isto é, que o observador seja capaz de entender o espaço e todos os seus elementos quer no plano conceptual quer no plano perceptual (MARQUES, 2006, p. 83).

Todo ser vivo precisa um do outro para sobreviver, sobreviver no máximo equilíbrio possível, ou seja, “o lugar de vida é um grande laboratório para ensinar e aprender a viver em todos os aspectos geográficos pela diversidade de aspectos naturais, socioculturais e socioeconômicos” (SOUZA, 2013, p. 79).

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

Alguns comentários finais

A percepção do meio usando desenhos infantis ainda está longe de ser o caminho derradeiro para compreensão do que pensa uma criança, mas ela também não pode ser ignorada como se não significasse nada.

Hoje há uma necessidade de conhecer o que pensam as crianças a partir dos seus olhares, o presente tema emerge nas fronteiras do pensamento científico, social e filosófico. Então, terminamos o presente ensaio deixando-o em aberto para que novas escrituras baseadas na temática defendida sejam feitas de maneiras mais profunda e com maiores proporções.

Sinalizamos o que as crianças sabem e constroem no cotidiano ribeirinho através dos seus desenhos. Percebemos o meio da comunidade pesquisada, a partir do olhar, ou melhor, dos desenhos das crianças e isso é elementar para que compreendêssemos o que elas (as crianças) sistematizam como sendo “vida” e “equilíbrio” em convivência e vivência com o seu lugar de vida.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016.

BOMFIM, Zulmira Áureo Cruz; DELABRIDA, Zenith Nara Costa; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Emoções e Afetividade Ambiental. In: **Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação Pessoa-Ambiente**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2018.

CARVALHO, Nazaré Cristina. Saberes Do Cotidiano Da Criança Ribeirinha. In: **Revista COCAR**, 2010.

COLA, César Pereira. **Ensaio sobre o desenho infantil**. - 3. ed. - Vitória: EDUFES, 2014.

CORDOVII et al., Ronara Viana. Entre o vivido e o percebido: o saber escolar e a realidade das crianças ribeirinhas. **Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 27, n. 1, p. 387-398, jan./abril. 2018.

COSTA, Lucélida de Fátima Maia da. **Vivências autoformativas no ensino da matemática: vida e formação em escolas ribeirinhas**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Educação Matemática Federal do Pará (UFPA), Belém, 2015.

COSTA, Lucélida de Fátima Maria da; SOUZA, Elizabeth Gomes; LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. Complexidade e pesquisa qualitativa: questões de método. In: **Revista Perspectiva da educação matemática**. Volume 8, número temático, 2015.

DIEGUES, Antonio Carlo. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente, dos recursos hídricos e da Amazônia Legal cobio-coordenadoria da biodiversidade NUPAUB-núcleo de pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras—Universidade de São Paulo, 1999.

DUTRA, Gracy Kelly M. **A criança e o espaço urbano: Percepções ambientais na Amazônia**. Curitiba: APPRIS, 2017.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia científica: métodos de técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros**. Aparecida- SP: Ideias & Letras, 2008.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**– Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

MARCHI, Rita de Cássia; SARMENTO, Manuel Jacinto. INFÂNCIA, NORMATIVIDADE E DIREITOS DAS CRIANÇAS: TRANSIÇÕES CONTEMPORÂNEAS. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 141, p.951-964, out.-dez., 2017.

MARQUES, Jorge Silva. **As imagens do desenho: Percepção espacial e representação**. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2006.

MENDES et al., Leila Said Assef. A prática docente em uma escola ribeirinha na ilha do Marajó: Um estudo preliminar em contexto naturalista. **Revista de Educação**, Porto Alegre, v, 31, n 2, p. 80-87, Jan/Abr. 2008.

MEREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. Ed. Cultrix, São Paulo, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. (tradução Carlos Alberto de Moura). – 3º edição- São Paulo. Martins Fontes, 1999. – (Tópicos).

PIDNER, Flora Sousa. **Ciência e Saberes Locais: Dificuldades E Perspectivas**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais Instituto de Geociências Belo Horizonte, 2010.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. UNIVERSIDADE DO MINHO Centro de Estudos da Criança ,1997.

Desenhos infantis: percepção e representação do ambiente ribeirinho

SARMENTO, Manuel Jacinto. GERAÇÕES E ALTERIDADE: INTERROGAÇÕES A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em: [Início – CEDES \(unicamp.br\)](http://www.inicio.cefes.unicamp.br)

SOUZA, Jose Camilo Ramos de; ALMEIDA, Regina Araújo. Cartografia escolar e identidade cultural: experiências junto as comunidades ribeirinhas do baixo Amazonas. **XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina**. Universidad de Costa Rica-Universidad Nacional, Costa Ricas, 2011.

SOUZA, Jose Camilo Ramos de. Cartografia escolar: entre o risco e o rabisco na beira do rio Amazonas. **VII Colóquio de cartografia para crianças e escolares. Imaginação e inovação: desafios para a cartografia escola**. Vitória/ES, 2011

SOUZA, Jose Camilo Ramos de. **A geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins**: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no programa de Pós-Graduação em Geografia Física, em 2013.

SOUZA, Jose Camilo Ramos de. Os processos educativos no lugar de vida ribeirinho. In: SOUZA, Dayana Viviany Silva de; VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Povos Ribeirinhos da Amazônia**: educação e pesquisa em diálogo. Curitiba: Ed. CRV, 2017.

VASCONCELLOS, Georgina Terezinha Brito de. **Educação Básica Ribeirinha**: Um estudo etnográfico na região Amazônica. Tese apresentada a Pontifica Universidade Católica, no Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2017.

Sobre o artigo

É um recorte de um dos capítulos de dissertação de uma pesquisa de mestrado em Educação em Ciências na Amazônia já finalizada, denominada *Alfabetização ecológica na percepção ambiental de estudantes de uma escola municipal, em Parintins/AM*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na linha de pesquisa II Ensino de Ciências: Epistemologias, Divulgação Científica e Espaços Não Formais.

Sobre os autores

Mateus de Souza Duarte

Doutorando no PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, na linha de pesquisa II Práticas Pedagógicas no Ensino de Ciências e Matemática, na Rede RENOEN, polo São Cristóvão, na Universidade Federal de Sergipe-UFS. Estuda Filosofia na Universidade Federal de Pelotas-UFPel, Campus Agudo. Mestre em Educação em Ciências na Amazônia, na linha de pesquisa II Ensino de Ciências: Epistemologias, Divulgação Científica e Espaços Não Formais- PPGECC-UEA, 2019. Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz-FACIBRA, 2016. Possui Cursos de Aperfeiçoamento em Psicopatologias na Infância e Adolescência, Alfabetização e Letramento, Psicopedagogia

Clínica, Neuropsicopedagogia, Fundamento Teórico e Metodologia da inclusão, Neuroaprendizagem, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Tempo Integral, Desenvolvimento Infantil e Estudos Neuropsicobiológicos, Neurociências. Estudou curso de formação inicial e continuada em Linguagem, cognição e ensino, no Instituto Federal de Alagoas-IFAL e em Auxiliar Pedagógico no Instituto Federal de Roraima-IFRR. Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2016. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia - GEPIA, do(a) Universidade do Estado do Amazonas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase nos seguintes temas: Criança, Formação Docente, Ensino, Ensino de Ciências, Saberes Docentes e Tradicionais e Escola e Comunidade Ribeirinha.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7199-1652>. E-mail. mateus_duarte22@hotmail.com

José Camilo Ramos de Souza

Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (1995), Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (1998), Especialização em Gestão em Etnodesenvolvimento pela Universidade Federal do Amazonas (2002 - 2003), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas - FAGED (2004 - 2006) e doutorado em Ciências obtido no Programa de Geografia (Geografia Física) - Área de Concentração: Geografia Física, pela Universidade de São Paulo-USP, em 04/07/2013. Professor da Universidade do Estado do Amazonas. Tem experiência na área de Geografia e Educação. Geografia: Geografia Econômica, Geografia Agrária, Metodologia do Ensino em Geografia, Prática do Ensino em Geografia, Geografia do Turismo, Cartografia aplicada ao ensino de Geografia etc. Educação: Estágio Supervisionado, Currículo, Metodologia da Pesquisa e Estudos. Estudo sobre imigrantes japoneses na Amazônia, ribeirinhos da Amazônia e pensamento geográfico da Amazônia. Estudo sobre Gestão das águas e Governança e regulação de recursos hídricos.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0578-8533> E-mail: jcramosdesouza@hotmail.com

Recebido em: 22/04/2021

Aceito para publicação em: 19/05/2021